

## Para Onde Eu Devo Mandar Esse Artigo?

*Where Should I Send This Article To?*

*¿A Dónde Debo Enviar Ese Artículo?*

*Lucas Cardoso Marinho<sup>1</sup>*

*Márcia Mineiro<sup>2</sup>*

*Mariana Guelero do Valle<sup>3</sup>*

**Resumo:** Parece até contraditório que, quanto mais revistas científicas existam, menos objetivo se torna o processo de submeter um manuscrito, pois são muitas variáveis a serem levadas em consideração. Neste sentido, durante o processo de escolha de um periódico é preciso se perguntar: i) O que quero dizer?; ii) Para quem quero dizer?; iii) Qual o alcance que quero ter? De posse das respostas para estes questionamentos é possível que a escolha se torne um pouco menos difícil. Aqui, em formato de ensaio, composto metodologicamente por bricolagem qualitativa, nós discutimos as questões que envolvem a escolha de um periódico para a publicação de artigos científicos e apresentamos possíveis caminhos para auxiliar o jovem cientista nesta árdua decisão. Uma publicação também é um ato de reflexão científica, não só de refletir sobre o que escrever, mas também de refletir para quem escrever e onde publicar.

**Palavras-chave:** Academia. Comunicação. Periódico. Publicação científica. Revista.

**Abstract:** It even seems a contradiction that the more scientific journals exist, the less objective became the manuscript's submission process, because there are lots of variables to be taken into account. In this sense, during the journal's choice process one must ask: i) What do I want to say? ii) To whom I want to say? iii) What is the reach I want to get? With the answers for those questions, it's possible that the choice becomes a little bit less difficult. Here, featured as an essay, methodologically composed as a qualitative bricolage, we discuss the issues involved in selecting a journal to publish scientific articles and we show possible ways to help the young scientist in this hard decision. One publication is also a scientific reflection act, not only to reflect what to say, but to reflect to whom write to and where to publish as well.

**Keywords:** Academy. Communication. Periodical. Scientific publication. Journal.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil, [lc.marinho@ufma.br](mailto:lc.marinho@ufma.br)

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil, [periciacontroladoria@yahoo.com.br](mailto:periciacontroladoria@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil, [mariana.valle@ufma.br](mailto:mariana.valle@ufma.br)

**Resumen:** Hasta parece contradictorio que cuanto más periódicos científicos hay menos objetivo se convierte el proceso de someter un manuscrito, pues hay muchas variables para tomarse en cuenta. En ese sentido, durante el proceso de selección de un periódico hay que preguntarse: i) ¿Qué quiero decir? ii) ¿Para quién quiero decírselo? iii) ¿Cuál es el alcance que quiero tener? Teniendo las respuestas para estas preguntas es posible que la selección se convierta un poco menos difícil. Aquí, con el aspecto de ensayo, compuesto metodológicamente por bricolaje cualitativa, nosotros discutimos las cuestiones que involucran la selección de un periódico para la publicación de artículos científicos y presentamos caminos posibles para ayudar al joven investigador en esta ardua decisión. Una publicación también es un acto de reflexión científica, no sólo por reflexionar sobre qué escribir, pero también de reflexionar sobre para quién escribir y dónde publicar.

**Palabras clave:** Academia. Comunicación. Periódico. Publicación Científica. Periódico.

## INTRODUÇÃO

Para onde eu devo mandar esse artigo? – Às favas! Caso você já esteja incomodado com a falta de opção (ou opções demais) para onde deva submeter o seu manuscrito. Parece até contraditório que, quanto mais revistas científicas existam, menos objetivo se torna o processo de submeter um manuscrito, pois são muitas variáveis a serem levadas em consideração. A quantidade de informações e periódicos online já foi temática discutida por Robredo (1999) no final da década de 1990, quando o embrião das publicações eletrônicas começava a se desenvolver. Escolher um periódico não é uma tarefa fácil em um cenário em que as métricas e conceitos (*i.e.* os famigerados fator de impacto e Sistema *Qualis*) é que muitas vezes nos levam a apertar o *enter* para submeter.

Na literatura existem trabalhos que descrevem roteiros, regras ou passos para se construir um artigo considerado bom ou de sucesso (MACK, 2018; MARQUES, 2011; OLIVEIRA; ZUCOLOTO; ALUISIO, 2006; PEREIRA, 2017). O foco deste artigo não se pauta na escrita científica de um artigo em si, mas em uma etapa seguinte a esse processo, que é a sua submissão. Um artigo científico para ter cumprido seu papel comunicativo, dever ser publicado. Por mais que tenham sido levados em consideração roteiros e regras de escrita, um artigo não tem valor científico se fica preso na intencionalidade mental do pesquisador ou em sua gaveta. Assim, o pesquisador tem mais um compromisso científico: divulgar seu trabalho.

Neste trabalho nós discutimos os aspectos que norteiam o processo de submissão dos artigos científicos, o período temporal pouco explorado entre a finalização da escrita e o botão “submeter”. Este diálogo, na forma de ensaio teórico, se justifica pela escassez de material orientador voltado ao público iniciante no campo da divulgação acadêmica, por isso,

propositalmente, fugimos um pouco às regras mais ortodoxas de elaboração de um trabalho científico, para localizar nosso texto na fronteira entre o academicismo e a simplicidade.

Como caminho metodológico qualitativo nós usamos a bricolagem, que de acordo com Denzin e Lincoln (2010, p. 18) é “um conjunto de representações que reúne peças montadas que se encaixam nas especificidades de uma situação complexa”, metaforicamente refere-se a um trabalho que vai sendo construído dialogicamente como um quebra-cabeça, em que aportamos peças e sugerimos onde encaixá-las. Pudemos reunir, de maneira mais aberta, pontos de vista que interligaram não só nossas diferentes áreas de formação, mas também nossas leituras em variados campos do conhecimento.

## 1 POR QUE PUBLICAR?

“A prática científica só faz sentido com a divulgação dos seus resultados”  
(ALBUQUERQUE, 2011, p. 47).

A divulgação dos resultados advém da necessidade de interagir e compartilhar seu conhecimento, esperando que ele possa aportar elementos para as discussões do meio acadêmico. Procedendo desta maneira, o redator estará contribuindo não só com a ciência, mas com seus pares em cena, outros cientistas e pesquisadores, auxiliando-os no embasamento de seus trabalhos. Pois, essa base é buscada nos livros e, atualmente de forma mais intensa, em artigos científicos, os quais estão justamente publicados em periódicos.

Além de colaborar com a informação de qualidade para sustentar os trabalhos de outros pesquisadores, o autor de um artigo científico também está auxiliando a sociedade em geral que se interessa pelo assunto discutido, dessa maneira, optar por publicar o artigo é interagir socialmente de forma concreta, se inserindo em um grande quebra-cabeça científico-social, criando valor real, dando materialidade para o abstrato, fazendo o “essencial” se tornar “visível aos olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015).

Complementar à contribuição social há também a contribuição individual: com as publicações o currículo acadêmico começa a ficar mais “encorpado”, expressando sua dedicação ao mundo da pesquisa, valorizando seu trabalho e, muitas vezes se refletindo em prestígio e destaque profissional, seja em seleções e concursos, seja em processos de progressão (para os já empregados). O fato é que o pesquisador que publica é tido como alguém que faz e tem algo a dizer, alguém que registra e concretiza sua atuação acadêmica, contribuindo para a construção da ciência. Não é alguém que está certo o tempo inteiro, mas que tem consciência que é mais uma peça na grande máquina do conhecimento científico e

coloca à prova os frutos de seu trabalho.

“Estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema” (FREIRE, 2008, p. 58) e publicar o resultado desse estudo é uma atitude corajosa de colocar seu estudo à prova, colocá-lo em discussão sob vários prismas diferentes, podendo ser duramente criticado, mas com a explícita possibilidade de colaborar com o crescimento da ciência e do diálogo inter científico.

## **2 REFLETINDO SOBRE A PUBLICAÇÃO**

Uma vez resolvida a questão de o porquê publicar, muitas decisões podem ser tomadas ou evitadas. Podemos dizer então que a publicação também é um ato de reflexão científica, não só de refletir sobre o que escrever, mas também de refletir para quem e onde publicar.

A publicação de trabalho científico no fundo é um ato democrático, dialógico e dialético. Democrático porque alcança diversas áreas e pessoas, pois em tese, qualquer pesquisador pode (e deve) publicar, bem como pode tratar de diversas temáticas. Dialógico porque estabelece um diálogo entre os diversos atores desse processo – o pesquisador, o campo empírico, outros pesquisadores, a literatura já existente, a equipe de editoração, os pareceristas – portanto, tornando esse diálogo uma atividade extremamente enriquecedora. Dialético, posto que o próprio autor vivencia idas e vindas – escreve, corta, reescreve, pesquisa mais um pouco, reformula os escritos, recebe pareceres com sugestões de mudança, considera ou não as sugestões, (re)submete – e por aí cria-se um ciclo virtuoso de escrita, reescrita e de reflexão. Uma verdadeira práxis reflexiva na divulgação dos trabalhos realizados e de progresso da ciência.

Existe uma pressão para a publicação dos resultados? Sim, e vários podem ser os motivos. Do ponto de vista do estudante/cientista em formação é importante considerar a composição e valorização do currículo acadêmico que reflete em pontuação em concursos públicos para docente ou pós-graduação. Do ponto de vista do cientista, considera-se a progressão acadêmica e, especialmente, pontuação em seleções para financiamento de projetos.

Para tanto, conhecer bem as revistas acadêmicas de sua área de atuação científica, reconhecer o tratamento que elas dão aos textos que publicam e identificar as exigências que esses periódicos fazem aumentam as chances de uma publicação. Ainda, é preciso conhecer a linha editorial de trabalhos que são geralmente aceitos, quais são os elementos valorizados nessas publicações, as demandas temáticas e critérios de submissão, em suma, o pesquisador

ao se interessar por publicar precisa estar atento ao que vem sendo publicado e aonde vem sendo publicado.

Ao escolher um periódico, também é preciso identificar como ele se define, em que área do conhecimento atua, que reputação tem entre os pesquisadores e nos rankings. Alguns periódicos permitem, incentivam ou restringem o acesso à publicação para pesquisadores ainda sem doutorado ou apenas aceita trabalho de pesquisadores com larga experiência. Saber qual é a titulação e os requisitos mínimos para tentar uma publicação nesse período é um fator prévio de êxito e que evita tempo perdido. Outro aspecto que evita a perda de tempo é verificar se o periódico ao qual se pretende submeter o artigo está atualmente ativo e recebendo submissões. Alguns periódicos, por exemplo, devido ao contexto da pandemia causada pelo SARS-COV-2, suspenderam a submissão de artigos devido à sobrecarga de trabalho de seus editores e pareceristas, além de fatores de disponibilidade de infraestrutura.

A ciência também é divulgada através de outros gêneros textuais acadêmicos que não o artigo – com a estruturação em tópicos como introdução, metodologia, entre outros – a exemplo de ensaios e resenhas. É interessante reconhecer se o periódico aceita a submissão de outros tipos de publicação, além de artigos. Ou mesmo que só aceite artigos – eles precisam ser necessariamente empíricos ou podem ser teóricos? – No caso de outros gêneros serem admitidos, esses são materiais cujo quantitativo de envios é inferior aos artigos, assim sendo, talvez haja maior chance de publicação pela escassez de oferta. Nessa situação, converter o trabalho em um tipo de texto diferente pode ser uma hipótese a ser considerada.

As revistas científicas usualmente fornecem um guia para autores, ou até mesmo um *template*, com as instruções e normas para que os autores possam adaptar os artigos antes de enviá-lo. Pelo quantitativo de trabalhos recebidos as revistas costumam fazer uma triagem usando critérios de formatação para eliminar trabalhos antes mesmo de submetê-los a um parecerista, por isso é preciso adequar-se as regras próprias do periódico, bem como, é ético e recomendável usar os caminhos institucionais da revista para fazer a submissão.

### **3 A AVALIAÇÃO DOS PERIÓDICOS**

O fator de impacto é a métrica utilizada para mensurar o impacto que as revistas científicas causam. Este número é obtido com base no número de citações do periódico nos dois últimos anos dividido pelo número de artigos publicados por este mesmo periódico durante estes anos. Então, o fator de impacto de um periódico é sempre referente aos resultados dos dois anos anteriores. O processo de atribuição deste número é feito pelo

*Journal of Citation Reports* (JCR) todos os anos, a partir de 1972 (PINTO; ANDRADE, 1999), com base em indexadores (banco de dados) internacionais. O JCR é gerenciado pela empresa pública norte-americana *Clarivate Analytics*, qual também coordena outros serviços bem conhecidos do meio acadêmico, como o indexador *Web of Science* e o *website Publons*.

No Brasil, a produção acadêmica é avaliada pelo Sistema *Qualis*, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo este um dos principais fatores que baliza as escolhas dos pesquisadores sobre a qual revista devem submeter o seu trabalho. Junto com a Avaliação dos Programas de Pós-graduação, o *Qualis* é o “principal fator de hierarquização do campo acadêmico brasileiro” (LEITE; CODATO, 2013, p. 8). Neste, quem define os critérios de avaliação é o Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES - CAPES), com base em elementos semelhantes aos da JCR, incluindo também o próprio fator de impacto como um dos parâmetros.

Os periódicos científicos, no contexto formal de comunicação da ciência, são considerados o veículo mais importante de comunicação entre pesquisadores (GUANAES, 2011). Em relação à avaliação, em geral os periódicos científicos passam por um processo avaliativo de validação por pares do tipo duplo cego, em que pelo menos dois pesquisadores da área devem avaliar antes de aprovar o manuscrito para ser publicado, sendo que autores e avaliadores permanecem anônimos durante todo o processo. Esses avaliadores encaminham os seus pareceres aos editores, no sentido de amparar a sua decisão por publicar aquele trabalho ou não. Vale destacar que as formas de avaliação dos periódicos passam por reformulações constantes e é importante que, antes da submissão de um artigo, o pesquisador consulte qual foi a última avaliação do periódico ao qual pretende fazer a submissão.

#### **4 PARA QUEM ESCREVEMOS?**

A cereja do bolo do trabalho científico é a sua divulgação. O cientista precisa escrever e divulgar os seus resultados, sendo eles positivos, corroborando a sua hipótese, ou não. Ao longo dos anos a quantidade de dados disponíveis, e a necessidade de espaço virtual para o seu armazenamento, se tornaram inimagináveis. Estas informações começaram a ser liberadas nos mais diferentes idiomas e linguagens, apontando a necessidade do estabelecimento de regras rígidas e internacionalizadas para a publicação científica (FERREIRA; ABREU, 2007).

A comunicação científica em relação aos seus interlocutores pode ser classificada como sendo intrapares ou extrapares (CARIBÉ, 2015). Na intrapares há a circulação de informações científicas entre especialistas de uma área ou de áreas correlatas, já na extrapares,

ocorre a circulação de informações científicas para especialistas que estão fora da área objeto da pesquisa. Ou seja, abrange o público especializado, embora não necessariamente do domínio específico. Os periódicos que têm o foco na comunicação extrapares apresentam pontos de interesse para diferentes especialistas, constituindo-se em uma abordagem multidisciplinar.

Escrever para a comunidade acadêmica não é fácil, o texto precisa ser claro e preciso, mas ao mesmo tempo é interessante que seja também atraente/cativante à leitura (BECKER, 2015), isso tudo sem haver fuga dos objetivos (BOAVENTURA, 1988). É fundamental ser inovador sem ser evasivo. Esta é uma lógica de buscar o engajamento do leitor, a qual pode ser entendida sob dois pontos de vista: i) como uma tentativa explícita de dialogar com o leitor, falar sua língua, fazer-se compreensível empaticamente; ou ii) pelo ponto de vista estratégico dos negócios – reconhecer seu público-alvo e reunir dispositivos para atingi-lo, fazendo-o ler seu texto e citá-lo. O propósito último é expandir e divulgar a ciência.

O leitor é inicialmente fisgado pelo título. A era dos artigos “Eu fiz isso usando isso” acabou! Nós precisamos estimular a curiosidade dos leitores como em um vídeo do YouTube do tipo “Entenda toda a história por trás de como eu fiz isso”. Para propor bons títulos e descobrir para onde enviá-lo é preciso conhecer e conversar com o seu texto. Argui-lo. As perguntas básicas que devem ser feitas a um manuscrito são: o que você quer dizer? Para quem você quer dizer? Qual o alcance que você quer ter? Se o seu manuscrito trata da reprodução das gramíneas do Alasca é bem possível que os moradores de regiões tropicais não tenham tanto interesse nele. Os leitores em potencial serão os cientistas que estudam reprodução vegetal, os que estudam gramíneas e os que estudam a biota do Alasca ou qualquer outra região gélida, e é para eles que você deve escrever.

Você é especialista em gramíneas e busca sempre estar atualizado sobre tudo que foi recentemente publicado sobre elas. Certamente os primeiros periódicos a serem consultados são os especializados em gramíneas, certo? É dessa maneira que você deve pensar ao submeter um manuscrito. Você deve pensar que quem você quer que leia o seu artigo, quer ler sobre gramíneas e busca as mesmas revistas que você. Então, é fato que o autor precisa tentar reconhecer que a linguagem de seu trabalho precisa buscar uma flexibilidade que permita a compreensão de um “público-alvo” amplo e de *backgrounds* diversos (BECKER, 2015; ZINSSER, 2017). E talvez neste momento surja um impasse grave: submeter a uma revista especializada, muitas vezes com menor fator de impacto, ou submeter a uma revista com maior fator de impacto e mais generalista?

É aí que é preciso entender em qual momento da sua carreira você está, tanto do ponto de visibilidade profissional, visando periódicos que fortaleçam o seu currículo e carreira, quanto do ponto de vista do fortalecimento da ciência, valorizando o seu trabalho intelectual (*i.e.* tempo e esforço de pesquisa), contribuição social (*i.e.* público alvo) e periódicos e linguagem mais acessíveis (*i.e.* periódicos nacionais e publicações em português). Se você é um estudante de graduação ou pós-graduação e ainda terá que galgar a sua tão sonhada vaga de emprego, esta etapa é muito mais sobre o fermento do que sobre quem vai comer o bolo.

Neste momento é preciso pensar nas métricas e conceitos dos periódicos ou, pelo menos, balancear esta equação: designar trabalhos que você queira que tenham maior alcance na sua área para revistas especializadas, e trabalhos mais gerais para as revistas de alto impacto. As revistas especializadas, geralmente, possuem periodicidade menor e, portanto, o seu artigo vai ficar em evidência por mais tempo. Já os periódicos mais generalistas e de alto impacto possuem alta rotatividade, em média um volume por mês e, quando você menos perceber, o seu artigo já estará sob uma “pilha virtual” de três ou quatro volumes mais recentes. Ou seja, nem sempre o periódico melhor ranqueado é o melhor para enviar os resultados da sua pesquisa.

A Figura 1 pode apontar uma direção para solucionar esta questão, mas a decisão final é sempre do(s) autor(es). Alguns caminhos podem ser tomados com base em parâmetros simples: i) periodicidade das revistas; ii) escopo (especializadas ou generalistas); e iii) quem irá ler o seu texto.

Outra pergunta importante a se fazer é: quando terei um trabalho como esse para publicar naquela revista novamente? É possível que durante os teus primeiros anos de trabalho, o cerne da sua tese de doutorado será o melhor manuscrito que você terá produzido. Ele foi feito com tempo, com ajuda e, geralmente, com financiamento. Até que você estabeleça um grupo de estudo, angarie colaboradores e financiamento, artigos mais robustos serão raros. Você conhece o seu trabalho como ninguém e, depois de fazê-lo tantas perguntas, sabe exatamente onde ele “cabe” ou não. Então, por que perder a chance de mandar para aquela revista famosa ou que você acha interessante?



## 5 SUBMETIDO... E AGORA?

O tempo de avaliação pelos revisores é um processo usualmente longo, podendo variar entre as diferentes ciências (HUISMAN; SMITS, 2017). Isso não acontece por desídia, mas sim por uma série de fatores que incluem, dentre outros, trabalhos acadêmicos em excesso e a não remuneração pelo serviço prestado (AZAR, 2007). Isto, invariavelmente, joga os processos de revisão para o final da fila de prioridades entre os profissionais habilitados para revisarem os artigos (HUISMAN; SMITS, 2017). Cabe destacar que grande parte das revistas científicas estão ligadas a instituições e programas de pós-graduação cujos recursos são escassos, parcamente cobrem a equipe de editoração direta, ficando os pareceres a cargo da generosidade acadêmica de pesquisadores, os quais precisam reequacionar seu tempo de dedicação ao trabalho cotidiano de modo a encaixar mais esta atividade.

Um dos fatores utilizados pelos indexadores para ranquear as revistas científicas é o tempo entre a submissão do manuscrito e distribuição/publicação do produto final. Desta maneira, podemos dizer que não é interesse das revistas que os pareceres demorem tanto tempo para chegar às mãos dos autores. Para tanto, quando submetido, o manuscrito pode ser diretamente encaminhado aos editores de área ou ser prontamente rejeitado pelo editor-chefe. Neste último caso, não desanimemos, na maioria das vezes o manuscrito não se enquadra no escopo da revista. O fato é que o tempo gasto no processo editorial também é um fator relevante a ser considerado ao escolher um periódico. Geralmente os artigos científicos trazem essa informação na primeira página como “submetido em”, “aceito em” e “publicado em”. Assim, vale a pena conferir mais essas informações. Alguns periódicos fazem números especiais e dossiês de uma temática específica, que geralmente acabam tendo um prazo específico para submissão e, na maioria das vezes, um prazo mais curto de avaliação e publicação.

Outro ponto importante após a submissão do artigo é ficar atento ao retorno da avaliação. Existem periódicos que enviam respostas para todos os autores, enquanto outros enviam apenas ao primeiro autor. Em caso de aceitação, o autor deverá analisar o parecer dos avaliadores fazendo as adequações, caso sejam necessárias. Em alguns casos é exigido que sejam destacadas ou descritas as alterações feitas, portanto, esse é um trabalho minucioso que deve ser feito com bastante atenção para que todas as considerações sejam contempladas ou justificadas. Em caso de recusa, nem tudo está perdido. O caminho é saber lidar com as situações de insucesso, as quais fazem parte do processo. Pereira (2017) destaca que devemos levar em consideração que não há espaço em um periódico para todos os artigos submetidos e

que nem sempre a recusa é produto de julgamento de valor sobre a qualidade do texto. Portanto, receber um não de um periódico não significa que você ou sua pesquisa sejam ruins!

## **6 SOBRE O PRODUTIVISMO ACADÊMICO?**

Abrimos aqui espaço para um assunto que podemos dizer que dá bastante “pano para manga”. Ele poderia estar inserido no item “Refletindo sobre a publicação”, mas optamos por visibilizar esse tema em um item distinto. Não podemos falar sobre submissões de artigos sem também tratar da questão do produtivismo acadêmico. Para isso, é necessário conhecermos um pouco sobre a história da Pós-Graduação no Brasil, que pouca gente que é mestrando ou doutorando conhece e que nos ajuda muito a entender sobre como a ciência no Brasil é feita atualmente.

Na década de 1950 foi criada a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Ensino Superior (CAPES). Inicialmente a letra “C” da sigla CAPES remetia a seu propósito de “campanha” em prol do combate à falta de formação dos professores que atuavam nas instituições de ensino superior públicas (BIANCHETTI; VALLE; PEREIRA, 2015). Inicialmente, as ações da Capes estavam voltadas à formação de professores para atuarem no contexto das instituições de Ensino Superior públicas (BIANCHETTI; VALLE, 2014). Após a melhoria na titulação dos docentes nas poucas instituições de Ensino Superior existentes na época, é que o termo “campanha” foi substituído por “coordenação” na sigla da instituição.

Na década de 1960, com o parecer nº 977, de 03 de dezembro de 1965 é que a pós-graduação foi reconhecida como um novo nível de ensino em nosso país (BRASIL, 1965). Com a queda da ditadura, a institucionalização da Nova República, em 1985, e aprovação da Constituição Federal de 1988, os programas de pós-graduação passaram a ter novas formas de gestão, financiamento e avaliação (BIANCHETTI, 2009).

Nesse contexto, muitas mudanças ocorreram, como a redução do tempo para a realização dos programas de mestrado e doutorado e também alterações nas formas de avaliação, o que provocou aumento da competitividade nos programas de pós-graduação e, conseqüentemente, entre pesquisadores. Segundo Kuenzer e Moraes (2005), a redução do tempo para conclusão das dissertações para dois anos e teses para quatro anos comprometeu a qualidade das pesquisas realizadas na pós-graduação. Para Sguissardi (2009), as mudanças no processo avaliativo, com previsão de recompensas e punições em relação ao número de bolsas e no valor das taxas de auxílio, descaracterizaram o próprio conceito do que deveria ser entendido como avaliação propriamente dita. Cria-se dessa forma, um cenário competitivo,

produtivista e aligeirado em que as disputas por vagas, orientadores, bolsas e espaços de investigação torna-se mais acirrado, por vezes, hostil, narcísico e pouco acolhedor.

Em relação aos critérios avaliativos, as avaliações no contexto da pós-graduação estão voltadas geralmente para o número de publicações, patentes ou para o grau de internacionalização (VOSGERAU; ORLANDO; MEYER, 2017). Ao passo que a formação docente não é considerada como critério de avaliação (ZABALZA, 2004). No contexto brasileiro os cursos de pós-graduação – *lato sensu*: mestrado e doutorado – em sua maioria estão voltados à pesquisa e não ao ensino (SOARES; CUNHA, 2010).

Como consequências desse cenário temos um crescente individualismo e competitividade, resultante da disputa por publicações, bolsas e financiamento cada vez mais escassos. Além disso, temos a intensificação da precarização do trabalho do professor e o enfraquecimento do sentimento de pertencimento a um coletivo. O aumento da pressão entre os professores repercute também em seus orientandos, estudantes de doutorado, mestrado, iniciação científica e graduação (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009).

De acordo com Bianchetti e Martins (2018), boa parte dos discentes da pós-graduação dividem suas vidas entre antes e depois do mestrado/doutorado, sendo que muito dos impactos causados nesse período advém do modelo introduzido pela CAPES, o qual prioriza o fluxo e melhoria nos *rankings*, evidenciando que tais formas de pressão podem se configurar como um dos fatores geradores do adoecimento dos pós-graduandos. Os autores destacam ainda a ausência de diagnósticos por parte das instituições de Ensino Superior e dos programas de pós-graduação sobre as condições às quais são submetidos os pós-graduandos, uma vez que isso ainda nem chegou a ser considerado um problema a ser investigado/tratado.

Diante desses aspectos, destacamos a importância de pensarmos o processo de publicação de forma ponderada, levando em conta não somente uma perspectiva quantitativa de avaliação do rendimento, mas também aspectos qualitativos, considerando a saúde mental tanto dos pesquisadores, enquanto professores orientadores, quanto também de seus orientandos, os quais são pesquisadores em processo de formação e que brevemente poderão atuar na formação de outros futuros pesquisadores. Ou seja, é um problema multidimensional, de construção histórica, alimentado segundo interesses mercadológicos, pouco discutidos e que merece atenção, pois por ser complexo e multifacetado não se resolve com soluções simplistas e/ou ingênuas, requer, pois, discussões amplas e em variados âmbitos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito de qual periódico mandar seu artigo, o fluxograma da Figura 1 pode ser um caminho, mas não fornece os nomes dos periódicos da sua área. De posse do manuscrito orgulhosamente finalizado e pronto para adequação às normas do periódico e submissão, existem duas boas opções para começar o “garimpo” das possíveis revistas que serviram ao seu manuscrito. A primeira delas é usar o *Google Acadêmico* para buscar as palavras-chave do manuscrito. Assim, é possível saber em quais revistas aqueles temas estão sendo publicados.

A segunda opção é procurar entre as referências em quais revistas os teóricos que foram utilizados para introduzir e discutir o texto publicaram. Contudo, não pode haver desânimo caso, após seguir todas estas dicas, não conseguir encontrar a revista que é a “cara” do seu manuscrito. Artigos multidisciplinares ou com temas amplos (como esse que vos dirige) nem sempre encontram revistas científicas apropriadas. A prova disso são os manuscritos utilizados para introduzir este artigo (dê uma olhada nas referências). Embora possuam um tema abrangente sobre redação científica, foram publicados em revistas especializadas da área de química, zootecnia, entre outros.

Por fim, e não menos importante, busque diversificar os periódicos escolhidos. O processo e os parâmetros de avaliação dos periódicos científicos mudam constantemente. As revistas que hoje possuem alto fator de impacto ou *Qualis A* podem, em alguns anos, ocupar os estratos mais baixos da avaliação. Da mesma maneira, revistas com baixa avaliação podem alcançar melhores métricas. Portanto, quanto mais diversificado, melhor é o currículo.

Não podemos deixar de destacar que o pesquisador deve também saber lidar com a negativa de seus artigos. Um pesquisador não é feito apenas de sucessos, prêmios e financiamentos aprovados. Os erros e os insucessos nos constituem como seres humanos e nos ensinam também. Um parecer de recusa de um artigo pode indicar pontos frágeis de sua pesquisa, servindo como elementos de aprimoramento de sua escrita e organização textual, os quais podem ser revisados, tornar seu artigo melhor e com a chance de ser finalmente publicado em outra revista. Não desista na primeira tentativa!

Não conseguir faz parte do processo, e está tudo bem. Em tempos de negacionismo científico e cortes de bolsas, devemos lutar contra a precarização do Ensino Superior e dos programas de pós-graduação. Esse artigo é um pouco a materialização dessa vontade de jovens pesquisadores, de diferentes áreas específicas, unidos, levando em consideração as necessidades que a atualidade nos impõe em termos de produção de conhecimento científico,

mas também buscando refletir sobre a possibilidade da produção de uma ciência que gere menos adoecimento e seja mais coletiva, solidária e humana.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ulysses P. de. **Conselhos a um jovem cientista**. Recife: NUPPEA, 2011.

AZAR, Ofer H. The slowdown in first-response times of economics Journals: Can it be beneficial? **Economic Inquiry**, v.45, n. 1, p. 179-187, 2007.

BECKER, Howard S. **Truques da escrita**: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BIANCHETTI, Lucídio. Os dilemas do coordenador de programa de pós-graduação: Entre o burocrático-administrativo e o acadêmico-pedagógico. *In*: BIANCHETTI, L; SGUISSARDI, V. **Dilemas da pós-graduação em educação**: gestão e avaliação. Campinas: Autores Associados, 2009.

BIANCHETTI, Lucídio; VALLE, Ione R. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio**: Aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 22, n. 82, p. 89-110, jan./mar. 2014.

BIANCHETTI, Lucídio; VALLE, Ione R.; PEREIRA, G. R. M. **O fim dos intelectuais acadêmicos?** Induções da Capes e desafios às associações científicas. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

BIANCHETTI, Lucídio; MARTINS, Francini S. O discente da pós-graduação stricto sensu: desistências e resistências, induções externas e adoecimentos. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA, 10., 2018, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2018. v. 1. p. 1-14.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Como ordenar as ideias**. São Paulo: Ática, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer nº 977, 3 de dezembro de 1965**. Definição dos cursos de pós-graduação. Brasília: MEC, 1965. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/NsLTtFBTJtpH3QBfHxFgm7L/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2020.

CARIBÉ, Rita de Cássia do V. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. **Informação & Sociedade**: Estudos, v. 25, n. 3, p. 89-104, 2015.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teoria e abordagens. 2 ed. reimp. Porto Alegre, 2010.

FERREIRA, Aloízio S.; ABREU, Márvio L.T. de. Desconstruindo um artigo científico. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 1, n. 36, p. 377-385, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. 49. ed. São

Paulo: Cortez, 2008.

GUANAES, Paulo Cezar Vieira. **Modelos de gestão de periódicos científicos eletrônicos em acesso livre**: estudo para um modelo de gestão sustentável na área de saúde pública. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Comunicação e Informação da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

HUISMAN, Janine; SMITS, Jeroen. Duration and quality of the peer review process: the author's perspective. **Scientometrics**, v. 113, p. 633-650, 2017.

KUENZER, Acácia; MORAES, Maria. Célia. Temas e tramas na pós-graduação em educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1363, 2005.

LEITE, Fernando; CODATO, Adriano. Autonomização e institucionalização da Ciência Política brasileira: o papel do sistema Qualis-Capes. **Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR**, v. 1, n. 11, p. 1-21, 2013.

MACK, Chris. **How to write a good scientific paper**. Spie Press: Bellingham, Washington USA, 2018. 124p.

MARQUES, Fabrício. Escreva bem ou pereça. **Pesquisa Fapesp**, n. 182, p. 34-39, 2011.

Disponível em:

<https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2011/04/034-039-182.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2020.

OLIVEIRA, Oswaldo; ZUCOLOTTI, Waltencir; ALUISIO, Sandra. **Developing strategies to produce better scientific papers**: a recipe for non-native users of English. New York: Cornell University Library, 2006.

PEREIRA, Mauricio. Dez passos para produzir artigo científico de sucesso. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 3, n. 26, p. 661-664, 2017.

PINTO, Angelo C.; ANDRADE, Jailson B. de. Fator de impacto de revistas científicas: qual o significado deste parâmetro? **Química Nova**, v. 22, n. 3, p. 448-453, 1999.

ROBREDO, Jaime. Indexação e recuperação da informação na era das publicações virtuais. **Comunicação & Informação**, v. 2, n. 1, p. 83-97, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 49. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SGUISSARDI, Valdemar.; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais**: pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SOARES, S. R.; CUNHA, M. I. da. **Formação do professor**: a docência universitária em busca da legitimidade. Salvador: EDUFBA, 2010.

VOSGERAU, Dilmeire S. R.; ORLANDO, Evelyn A.; MEYER, Patrícia. Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 231-247, 2017.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário, seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZINSSER, William. **Como escrever bem**: O clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção. 2. reimp. São Paulo: Três Estrelas, 2017.